

Hora de tirar os juros do centro das discussões

Com a inflação controlada, o país precisa tirar as taxas de juros do centro da discussão e começar a pensar em medidas voltadas ao desenvolvimento e atração de investimentos. A análise é do economista José Júlio Senna, sócio-diretor da MCM Consultores Associados.

— A política de taxas de juros foi administrada com muita competência. As taxas de inflação estão muito baixas. A parte do Ministério da Fazenda e do Banco Central está feita. Os agentes que ainda estão colocando as esperanças nessas ins-

tuições, a meu ver, estão colocando a esperança no lugar errado — afirma.

Daqui para frente, avalia Senna, a base das economia deve estar em ministérios como o do Desenvolvimento, Minas e Energia e o BNDES, responsáveis pela criação de um ambiente favorável ao investimentos privados, inclusive a elaboração de marcos regulatórios.

— Não adianta pensar em retomada do crescimento episódica. É preciso atuar nos fatores que estão deprimindo os investimentos privados: taxa de ju-

ros real elevada, o que tem tudo a ver com percepção de risco, e carga tributária.

Senna lembra que enquanto nos países em desenvolvimento a carga tributária é, em média, de 20% do Produto Interno Bruto, no Brasil está em 36%.

Já Reinaldo Gonçalves diz que todo o sacrifício para controlar a inflação pode cair por terra com a primeira crise cambial, porque provocaria novo salto dos juros. Ele também acha incoerente o país traçar metas de desenvolvimento no Programa Plurianual mantendo a política fiscal restritiva.

— É como fazer uma lista de compras com 50 itens e ir ao supermercado sem saber quem vai pagar a conta — compara.

Luiz Gonzaga Belluzzo, por sua vez, lembra que o capitalismo de hoje é “outro” e o Estado precisa é fiscalizar os oligopólios para a evitar abusos contra os consumidores.

— A concorrência no sentido convencional não existe mais. Estamos na era do capitalismo das grandes empresas.

cbs@jb.com.br e nic@jb.com.br